

## **Indígenas do Sudeste e sua incorporação nas cadeias produtivas do Brasil-Reino nos relatos do jardineiro botânico Heinrich Schott (1794-1865).**

Marcelo Sant´Ana Lemos – Mestre em História.

Miriam Junghans – Doutoranda, Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Palavras-chave: Missão Científica Austríaca; povos indígenas; vocabulários indígenas; classificação botânica; extração madeireira.

### **Introdução**

O movimento que Sérgio Buarque de Holanda denominou de “a redescoberta do Brasil”, ou seja, as viagens de naturalistas estrangeiros pelo Brasil a partir da vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, com a abertura do território “às nações amigas”, produziu grande quantidade de conhecimentos sobre o mundo natural. Esse conhecimento passou a circular entre homens de ciência e instituições, tanto no Brasil quanto no exterior, sob a forma de escritos (cartas, relatórios, livros, etc.), desenhos, mapas e objetos científicos (plantas secas, animais empalhados ou conservados em álcool, amostras de minerais, etc.). O material acumulado nessa época – *grosso modo* nas três primeiras décadas do século XIX – é estudado até hoje em diversas áreas de conhecimento.

O presente trabalho examina um relatório publicado em alemão – *Nachrichten von den kaiserlichen österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit* [Notícias sobre os naturalistas do Império austríaco no Brasil e sobre os resultados das suas atividades] (Schreibers, 1820) – e até agora inédito em português, do real jardineiro botânico Heinrich Wilhelm Schott (1794-1865), que participou da Missão Científica Austríaca.<sup>1</sup> Essa comitiva chegou ao Brasil em 1817, acompanhando a arquiduquesa Leopoldina da Áustria (1797-1826), que vinha para se

---

1 Traduzido por Miriam Junghans



casar com o herdeiro do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, o futuro imperador do Brasil, dom Pedro I.

Na vasta produção historiográfica sobre os trabalhos realizados pelos participantes da Missão Austríaca [citar exemplos] o jardineiro botânico Schott é um dos menos estudados. Neste trabalho abordaremos especificamente partes do relato de Schott nas quais narra seus encontros com indígenas Puris, Coroados e Coropós, que habitavam o que hoje conhecemos como a região Sudeste do Brasil. Antes disso, para situar nosso personagem em termos científicos e institucionais, vamos recuperar rapidamente o contexto social, político e científico da Missão Austríaca, apresentar seus participantes e fornecer alguns dados biográficos e profissionais sobre Schott, em especial sobre sua formação e as atribuições do cargo de jardineiro botânico da Missão.

No decorrer do século XVIII, a história natural passou a ocupar um lugar de destaque nas grandes viagens de exploração, ao lado dos objetivos comerciais e políticos, o que as diferenciava das viagens dos séculos anteriores, de orientação mais expansionista. O colecionismo de objetos científicos e o estudo da história natural passaram a ter boa acolhida e ser incentivados entre a nobreza e a aristocracia europeias. Na corte austríaca, no início do século XIX, a história natural gozava de especial prestígio e consideração, por se tratar de tema de particular interesse do imperador Francisco I (Francisco II do Sacro Império Romano), pai da arquiduquesa Leopoldina. Como em outras cortes da Europa, havia ali gabinetes de história natural – que incluíam objetos de botânica, zoologia, mineralogia e etnografia –, zoológicos/*menageries*, um local reservado a estudos astronômicos, além de jardins que dispunham de hortos florestais, canteiros e estufas para a produção de flores, e também de frutas e legumes que deveriam suprir a mesa real. Outra função desses jardins era servir de local de aclimatação de espécies exóticas, recebidas do estrangeiro, e de local de instrução para os filhos da nobreza e dos príncipes e princesas reais. A educação da arquiduquesa Leopoldina incluiu estudos de história natural, que estavam a cargo de Karl Franz Anton von Schreibers (1775-1852). A predileção da jovem princesa voltava-se para a botânica e, em especial, para a mineralogia, sendo mesmo chamada de “a mineralogista da corte” (Riedl-Dorn, 1999, p.20).

Schreibers, nascido na Eslováquia, e médico formado pela Universidade de Viena. Schreibers assumiu a direção do Imperial e Real Gabinete de História Natural de Viena, em 1806, que reorganizou e ampliou significativamente (Riedl-Dorn, 1999, p.16 e ss.). Autor das instruções de viagem que orientaram os naturalistas durante suas pesquisas no Brasil, é ele também o autor do relatório final da Missão Austríaca – parte do qual examinamos aqui –, que elaborou com base nos relatórios dos participantes e na análise do material enviado a essa instituição.

Por ocasião do casamento da arquiduquesa e de sua vinda para o Brasil foi organizada, sob os auspícios e com a participação direta de Francisco I, a Missão Científica Austríaca, com o objetivo de percorrer o território brasileiro realizando pesquisas e coletas de material de história natural. Essa comitiva compunha-se de 14 especialistas, entre naturalistas, médicos e pintores. Participaram do empreendimento Johann Christian Mikan (1769-1844), catedrático de história natural da Universidade de Praga, como chefe da expedição,<sup>2</sup> o zoólogo vinculado ao Gabinete de História Natural Johann Natterer (1787-1843), o médico, botânico e mineralogista Johann Baptist Pohl (1782-1834), o encarregado da caça e preparação de animais (taxidermista) Ferdinand Dominik Sochor, o mencionado real jardineiro botânico Schott, o mineralogista Rochus Schüch (1788-1844), professor de Leopoldina, além dos artistas Thomas Ender (1793-1875) e Johann Buchberger (?-1821). Ao grupo ligado de forma mais direta à casa real austríaca juntaram-se os bávaros Carl Philipp von Martius (1794-1868), especialista em botânica, e o zoólogo Johann Baptist von Spix (1781-1826), além do naturalista Giuseppe Raddi (1770-1829), enviado pelo grão-duque Fernando da Toscana. O levantamento de conhecimentos sobre o mundo natural de regiões brasileiras caracterizou-se, nesse caso, como um empreendimento que unia, sob um mesmo objetivo, diferentes cortes europeias.

A Missão Científica Austríaca pode ser entendida como um empreendimento naturalístico diversificado, cujo objetivo inicial era unificado – o estudo da história natural em território brasileiro – mas cuja execução foi dividida em inúmeras viagens e

---

2 Mikan foi escolhido pelo imperador Francisco I como chefe da Missão Científica Austríaca em detrimento de Natterer. Mikan, no entanto, permaneceu pouco tempo no Brasil, retornando à Europa em 1818, enquanto Natterer permaneceu no país até 1836.



atividades de pesquisa de escopo mais restrito e específico. Para isso contribuíram as origens variadas dos participantes, suas diferentes especialidades, as múltiplas viagens que empreenderam por diferentes regiões, bem como o tempo variável de permanência no país.

### **O real e imperial jardineiro botânico**

Designado para trabalhar como ajudante de Mikan, Heinrich Wilhelm Schott – filho de um jardineiro do Jardim Botânico de Viena – havia estudado botânica, agronomia e química, e trabalhava, desde 1815, como jardineiro da corte austríaca (Riedl-Dorn, 1999, p.37). No Brasil, suas atribuições se diferenciavam das dos outros integrantes da Missão, exatamente por dispor tanto de conhecimentos teóricos, de botânica, quanto práticos, de jardinagem. Ele permaneceu a maior parte do tempo da sua estadia no Rio de Janeiro, preparando as plantas e os animais vivos trazidos por seus colegas. Era necessário adaptar os seres vivos que deveriam ser transportados à Europa para as condições de vida diferentes (alimentação, solos, temperatura, etc.) que encontrariam por lá. Para isso instalou um “jardim de aclimação”, onde esses processos de ajuste poderiam ocorrer de forma gradual. Além disso, era responsável pelos acervos de objetos de história natural coletados por Natterer e Pohl, preparando seu envio através do Atlântico (Riedl-Dorn, 1999, p.35-36).

O entendimento que Schott tinha do mundo natural incluía conhecimentos profissionais tanto acadêmicos quanto práticos do mundo das plantas e da vegetação. As duas viagens que realizou pela capitania do Rio de Janeiro, que serão abordadas a seguir, denotam, como veremos, a conjugação dessas formas de conhecimento.

### **Encontros com povos indígenas nas florestas do Sudeste**

Durante sua estadia no Rio de Janeiro, Schott observou a existência de diversos tipos de madeiras, provenientes da região de Campos, que eram empregadas em atividades produtivas: no Arsenal de Marinha, no processo de encaixotamento de

produtos, para fazer vigamentos, etc. Essas madeiras eram conhecidas somente por seus nomes populares, muitas eram desconhecidas na Europa e nunca foram objeto de classificação científica. Com o objetivo de obter maiores conhecimentos sobre essas espécies vegetais, Schott empreende duas viagens pelas regiões de floresta onde eram extraídas as madeiras, Campos e Cachoeira de Macacu (Schreibers, 1820, p.3).

Em seu primeiro roteiro, para Campos, o viajante resolveu seguir um itinerário que evitasse o litoral, pois devido à seca de 1820 a vegetação estava muito prejudicada, não permitindo a coleta de boas amostras. Além disso, essa região já havia sido percorrida por ele em viagem anterior, acompanhando Johann Mikan, chefe da expedição austríaca. Optou, portanto, por um trajeto que passava pelo Caminho Novo, cortando o rio Paraíba, adentrava a capitania de Minas Gerais, para sair em Cantagalo, de onde prosseguia até Aldeia de Pedra (atual Itaocara), São Fidélis e Campos.

Ao realizar esse trajeto Schott entrou em contato com diversos povos indígenas (Puris, Coroados e Coropós) sobre os quais nos deixou breves relatos – incluídos no seu relatório – além de ter coletado objetos etnográficos e vocabulários; esses, nunca publicados no Brasil, tampouco foram objeto de estudos mais sistemáticos.

O autor encontra os Puris próximos a fronteira de Minas com o Rio de Janeiro, no atual município de Além Paraíba, sua área de deambulação. Eles costumavam frequentar a fazenda de um certo Luiz Lazar, onde se hospedou o botânico, vindo de uma pousada próxima ao rio Aventureiro, em seu caminho para Campos (Schreibers, 1820, p.21).

Os Puris trocavam ipecacuanha, denominada por eles de *muxina*, por facas e pequenos machados, além de consumirem farinha e aguardente. O fazendeiro tinha prestígio entre eles, por isso sempre passavam por sua fazenda, onde trocavam os produtos ou então pegavam galinhas, porcos e milho. Viviam próximos dali, em um grupo que reunia cerca de oitenta pessoas. Nas florestas próximas caçavam e coletavam raízes (como o cará), frutas (da sapucaia, da brejaúba, da jaracatiá e do cajá), insetos (larvas) e mel.

A região do rio Aventureiro até o Porto do Cunha era ainda uma área pouco devassada, com predominância de florestas e que, portanto, oferecia caça e frutos em

quantidade suficiente para manter diversos grupos indígenas. O botânico observou que ao longo de sua caminhada em direção à capitania do Rio de Janeiro “várias colunas de fumaça faziam supor a presença de selvagens” (Schreibers, 1820, p.20), atestando a região ainda como um verdadeiro refúgio desses povos, na fronteira das duas capitanias.

Observa Schott que tinham poucos utensílios, os quais carregavam em uma cesta feita de folhas de palmeira, que as mulheres transportavam presas à cabeça e pendurada nas costas, dormiam em redes de tucum ou no chão, próximo às fogueiras que cada um acendia. Procuravam acampar próximo aos córregos de água, em suas caminhadas e deslocamentos pelo território.

Ele aprendeu e registrou poucas palavras da língua Puri. Ao sair da fazenda de Luiz Lazar, onde se hospedara, ainda encontrou no caminho para o Porto do Cunha mais um grupo de cerca de vinte Puris, com os quais tentou estabelecer uma breve comunicação, através de gestos, para obter deles algumas armas em troca de mercadorias que trazia. Descreveu as características físicas desses índios, bem como do arco e das flechas indígenas que obteve em troca da farinha que levava.

Nesse relato dos encontros com os Puris verificamos que os índios já ofereciam a ipecacuanha ou poaia<sup>3</sup> aos fazendeiros e comerciantes da região, gerando um comércio por meio de escambo, que de forma crescente incorporava o trabalho indígena, através do extrativismo, à economia regional. Paulo Mercadante (1973, p.51) já chamara a atenção para esse importante item da flora medicinal das florestas úmidas e sombreadas, a poaia, que ocorria “por toda parte, extraída pelos Puris, já relacionados aos traficantes, que conduziam a mercadoria para a praça de Campos”. O comércio da poaia, a “muxina dos Puris”, chegou a ter um algum peso na economia de Campos, na década de 20, como detalha Corrêa (2012, p.27), que analisou a importância econômica do produto na Zona da Mata mineira e áreas próximas, fronteiras com o Rio de Janeiro. A cadeia produtiva da raiz emética terminava, às vezes, na Europa, para onde era exportada parte do produto, dada a sua aceitação por suas propriedades farmacológicas e ser endêmica no Brasil.

---

3 Ipecacuanha (*Cephaelis ipecacuanha*, Rich.) é uma planta medicinal da família das Rubiáceas, com propriedades eméticas, expectorantes e anti-desintéricas, que ocorre nas florestas úmidas.

Seguindo em direção a Aldeia de Pedra, o jardineiro botânico real tem contato com outras etnias: Coroados e Coropós, que serão muito úteis tanto na coleta de madeiras e como no levantamento de informações sobre elas. Fica claro, no texto, que a região da Aldeia de Pedra era uma das áreas de início da cadeia produtiva madeireira, com intensa utilização de mão de obra indígena. Eles adentravam as florestas, abatiam diversos tipos de madeira e transportavam pelo Rio Paraíba ou por terra. O conhecimento que tinham, dos diversos tipos de madeiras e da localização das árvores, facilitaram o trabalho de coleta do jardineiro botânico, que informou no seu relatório: “várias vezes os índios derrubaram árvores para mim, começando de manhã bem cedo até 4-5 horas da tarde” (Schreibers, 1820, p.39).

A madeira era descarregada em Campos ou São João da Barra, de onde seguia para os portos do Rio de Janeiro e Bahia, principalmente. O porto de Campos era de baixo calado, só admitindo “barcas, e canoas que demandem mais de quatro palmos d’água” (Silva, 2010, p.12) nas épocas de seca e sumacas<sup>4</sup> quando ocorriam as cheias do Rio Paraíba. Já o de São João da Barra admitia sumacas o ano todo.

Em Campos, onde existiam serrarias, essas madeiras eram cortadas e encaminhadas aos portos de destino. No caso do Rio de Janeiro, como observara Schott, ela era consumida para diversos fins, entre eles para construção de navios nos estaleiros particulares ou no Arsenal de Marinha, onde a presença da mão de obra indígena, ainda na década de 1820, era expressiva.

### **Considerações finais**

Chamamos a atenção para a importância de diversos textos do século XIX, ainda muito pouco conhecidos ou acessíveis, por somente terem sido publicados em língua alemã, como é o caso do relatório de H.W. Schott, cuja tradução para o português estamos finalizando.

---

4 Sumaca era um veleiro de cabotagem de pequenas dimensões usado nas costas do Brasil, com gurupés e dois mastros inteiros.

Através da leitura de Schott levantamos mais informações sobre o trabalho indígena, no Sudeste brasileiro, no século XIX. Retirar o manto de invisibilidade que cobre os povos indígenas do Sudeste passa também pela análise de diversas cadeias produtivas nas quais eles estavam inseridos e tinham grande participação como são dos casos do extrativismo de poaia ou de madeiras. As tentativas de incorporação dos povos indígenas no projeto de Brasil-Reino e no projeto da nova nação, no Império, através do trabalho, foi um dos desenhos conjunturais, em disputa naquela sociedade, que contou com o protagonismo destes povos e o seu suor.

## REFERÊNCIAS

CORRÊA, Marcio Xavier. *Memória sobre a economia extrativa da poaia – leste de Minas Gerais (primeira metade do século XIX)*. 2012. Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação de Mestrado da UFJF. Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2012/04/Marcio-Xavier-Correa.pdf>>.

MERCADANTE, Paulo. *Os sertões do leste: estudo de uma região: a mata mineira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

RIEDL-DORN, Christa. *Johann Natterer e a Missão Austríaca para o Brasil*. Tradução, Mario Lodders, Maria Faro. Petrópolis: Index, 1999.

SILVA, José Carneiro. *Memória topographica e histórica sobre os Campos de Goytacazes com uma notícia breve de suas produções e commercio offerecida ao muito alto e muito poderoso Rei D. João VI por um natural do país*. 3ª ed. Campos dos Goytacazes: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2010.

SCHREIBERS, Karl von. *Nachrichten von den kaiserlichen österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit*. Brünn: Joseph Georg Trassler, 1820. [Tradução não publicada, Miriam Junghans e xxx].

SCHREIBERS, Karl von. Notícias dos naturalistas imperiais austríacos no Brasil. Tradução, Lavínia Ribeiro da Fonseca. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de